



## POÉTICA DO INFERNO-CORPO: IMAGINÁRIOS DO MUNDO INFERIOR

Paulo Giraldi<sup>i</sup>

### RESUMO

O presente estudo busca entender os diferentes imaginários de inferno, inicialmente com base no escopo mitológico-religioso de Dante Alighieri. O objetivo é construir um caminho reflexivo, ampliando a visão do inferno, não apenas como polo de oposição entre bem e mal – com influência do cristianismo, mas como energia sexual (libido) que habita o corpo – entendimento biológico. A problemática está em pensar como o imaginário do ‘in’-ferno, associado ao corpo inferior (órgãos genitais e desejos sexuais), pode ser condição para a existência humana. O corpus da análise é constituído das pinturas renascentistas do polonês, Zdzislaw Beksinski, como as telas ‘As visões do inferno’. A imersão na pintura permitirá compreender os sentidos do mundo inferior na palavra e na imagem – ou privação da fala (*in-fans*), possibilitando novos entendimentos etimológicos, históricos, culturais, religiosos e biológicos do inferno. O estudo tem como método de leitura e interpretação, a Fenomenologia da Razão Sensível (Maffesoli, 1998). A investigação busca amparo teórico nos estudos de Calvino (1993), Sloterdijk (2016) e Morin (2002). Como resultados espera-se um esforço compreensivo de uma *poética do inferno*, não como um princípio de negação ou de oposição (atração e repulsão), mas de complementariedade (razão e energia), para além dos cânones cristãos.

**Palavras-chave:** Inferno; Imaginário; Corpo; Imagem; Palavra; História.

### ABSTRACT

The present study seeks to understand the different imaginary of hell, initially with based on the mythological-religious scope of Dante Alighieri. The goal is to build a reflective path, broadening the view of hell, not just as a pole of opposition between good and evil - influenced by Christianity, but as sexual energy (libido) that inhabits the body - biological understanding. The problem is thinking about how the 'in-ferno', associated with the lower body (genitals and sexual desires), It can be a condition for human existence. The corpus of the analysis consists of the Renaissance paintings of Polish, Zdzislaw Beksinski, as the canvases ‘The visions of the hell’. Immersion in painting will allow us to understand the senses of the lower world in word and image - or speech deprivation (*in-fans*), enabling new etymological, historical, cultural, religious and biological understandings of hell. The study has as a method of reading and interpretation, the Phenomenology of Sensitive Reason (MAFFESOLI, 1998). The research seeks theoretical support in the studies of CALVINO (1993), SLOTERDIJK (2016) and MORIN (2002). As a result a comprehensive effort is expected of a poetics of hell, not as a principle of denial or opposition (attraction and repulsion) but of complementarity (reason and energy), beyond the canons Christians.

**Keywords:** Hell; Imaginary; Body; Image; Word; Story.

## 1. Introdução

*“Somos seres complementares, então se o outro é meu inferno, seguramente também sou o inferno do outro” (Edgar Morin)*

‘Vai para o inferno!’, frase comumente utilizada para expressar um sentimento de raiva por alguém ou por algo – um desabafo. Mandar o outro para o inferno seria o mesmo que desejar algo ruim para ele ou talvez bom. Em um site de buscas, a palavra aparece, em aproximadamente, 87.200.000 resultados. Mas, qual a compreensão temos sobre esse mundo inferior? É uma visão mitológica, religiosa, filosófica, poética, cultural? Seria o inferno um lugar, uma condição mental, um estado de espírito?

Eu, durante esses meses, passei por diferentes infernos – fui e voltei, entrei e não saí. Escrever esse artigo foi uma verdadeira experiência infernal. Trilhei por caminhos jamais percorridos, conheci pessoas, observei meu corpo, permiti novos sentimentos e desejos, olhei para coisas que nunca tinha apreciado antes. Parei, silencieei. Gritei, chorei, vomitei algumas coisas engasgadas, engoli outras. Provei novos sabores, senti o que tive vontade. Algumas vezes fiquei frente a frente com o ‘meu inferno’. Que experiência!

Aqui nesse texto gostaria de provocar algumas conversas. Por isso, peço a você leitor desse artigo, para inicialmente deixar um pouco de lado suas convicções, crenças, ideologias, preconceitos ou imaginários fixos sobre o

inferno. Permita-se entrar nesse bate-papo que poderá abrir nossa mente para novas experiências *in-fernais*. Desde pequeno já ouvíamos dizer que criança desobediente ia para o inferno, uma forma de colocar medo, assustar. Ou seja, aprendemos que se trata de algo ruim. As religiões monoteístas sempre reforçaram essa tese: inferno é lugar para pessoas que praticaram o mal (que também pode ser o bem).

Sendo assim, com esse estudo buscamos entender os diferentes imaginários de inferno, a partir do arcabouço mitológico-religioso de Dante Alighieri e Zdzislaw Beksinski. O objetivo é construir um caminho reflexivo, ampliando a visão do inferno, não como polo de oposição entre bem e mal, mas como energia sexual que habita o corpo. A problemática está em pensar como o imaginário do ‘in’-ferno, associado ao corpo inferior (órgão genital e desejos sexuais), pode ser condição para a existência humana. Ao propormos pensar o ‘in’, desejamos ir além de um princípio de negação ou de oposição (atração e repulsão), mas de complementariedade (razão e energia). 130

Etimologicamente, a palavra inferno do latim é *infernum*, que significa ‘as profundezas’ ou o ‘mundo inferior’. Trata-se de um termo usado por diferentes religiões, mitologias e filosofias, representando a morada dos mortos, ou lugar de grande sofrimento e de condenação (castigo). Posteriormente, foram proclamadas as ‘Definições dogmáticas’ sobre o purgatório pelos Segundo Concílio de Lyon (1274), o Concílio de Florença (1438-1445), e o

Concílio de Trento (1545-1963). Nasce aí, a tríade: céu, inferno e purgatório. Ou seja, um terceiro lugar (ou ‘condição de existência’ como ensina a Igreja Católica) surge para purificação das almas. O purgatório é entendido pela tradição católica como condição e processo de purificação ou castigo temporário, evitando que a alma vá para o inferno e ascenda ao Reino dos Céus, junto a Deus.

Os termos normalmente traduzidos por inferno, na Bíblia são: Hades ou haídes (termo grego, *morada dos mortos*), e Seol (sheól, do hebraico) ou, ainda, Geena (termo grego). Uma transliteração do hebraico ‘Ge Hinom’, significa Vale de Ben-Enom<sup>ii</sup>. Voltando na história, esse famoso Vale (Guê-Hinom) situado fora das muralhas de Jerusalém – ao sul, guarda registros de um longo tempo marcado por sangue. A partir de certa época, esse local serviu de lixão, com fogo a queimar, daí considerado lugar dos condenados. Os antigos canaanitas ofereciam ao deus Moloque sacrifícios humanos, por muitas vezes queimados, como prática de idolatria. Anos depois com a apropriação dos israelitas, o lugar passou a ser um imenso depósito de lixo, equivalente aos ‘lixões’ de hoje. Todo o lixo era queimado fora do Portão das Cinzas, além dos muros de Jerusalém. Assim, ficou conhecido como Vale de Ben-Enom, onde o fogo não se apagava (inesgotável), pela grande quantidade de lixo.

Outra curiosidade é que além do lixo, o local servia como destino de partes de corpos humanos amputadas por doenças ou

acidentalmente. Por isso, a analogia no evangelho de Mateus 5, 29: “Se teu olho direito te leva à queda, arranca-o e jogue para longe de ti! De fato, é melhor perderes um de teus membros do que todo o corpo ser lançado ao inferno” (BÍBLIA SAGRADA, 2012). Também ali, junto ao lixo, eram cremados (queimados lentamente) os corpos de indigentes e de criminosos. A Bíblia relata que ter o corpo jogado no Hinom era sinônimo de grande humilhação. A concepção de inferno ganha toda essa simbologia, resultado da relação interpretante e signo.

Fizemos esse resgate histórico-religioso para contextualizar nossa reflexão sobre o imaginário mítico-cultural do mundo inferior e, **131** principalmente, para identificar como foi sendo construída essa ideia de inferno, a partir do escopo teológico. A partir daqui, iniciamos um outro caminho, buscando abrir novas janelas, na tentativa de estabelecer outras configurações sobre a relação do inferno com o imaginário. As reflexões aqui postas, principalmente, sobre o inferno-corpo e prazeres sexuais, não são manuais de orientação ou roteiro indicativos. Sendo assim, cabe a cada um os cuidados necessários com sua vida, saúde sexual e afetiva, no que tange a prevenção e limites.

No percurso metodológico desta reflexão, caminharemos por diferentes nuances provocativas para pensar os (*in*)fernos. O trajeto deste texto está balizado pelas etapas, a seguir, propondo resgate aos pensamentos de diferentes teóricos e suas teorias: 1) Inferno mítico-

teológico (ALIGUIERI, 1998), 2) Poéticas do inferno-corpo (MAFFESOLI, 2012), 3) O imaginário infernal (CALVINO, 1990), 4) Cavernas do prazer (SLOTTERDIJK, 1999), 5) Inexatidão do submundo (MORIN, 2002). Essa caminhada será simples e livre, a partir do método de leitura e interpretação, à luz da Fenomenologia da Razão Sensível (MAFFESOLI, 1998). Esse estudo é tecido na primeira pessoa do plural – 'nós'. Além do autor que vos fala (escreve), outras vozes me acompanham neste (in)ferno.

## 2 Inferno mítico-teológico

Um cão de três cabeças. Essa é a figura mítica do animal monstruoso que guarda as portas do mundo inferior (*Portas do Tártaro*). Cérbero, do grego antigo: *Κέρβερος*, transliteração: Kerberos – tradução: ‘demônio do poço’; em latim: *Cerberus*), representa a figura do guardião-protetor das profundezas. O mal é o próprio cão amarrado. Como narrado na mitologia grega, Cérbero era um cão que guardava as portas do mundo subterrâneo, impedindo que as almas condenadas saíssem de lá. As pessoas que tentassem se aventurarem nas profundezas do Tártaro eram despedaçados por ele. Cérbero, vem da palavra *Kroboros*, que significa *comedor de carne*. Conta a história, que os únicos a passarem por Cérbero, saindo vivos do submundo, foram Hércules, Orfeu, Eneias, Psiquê e Ulisses.

No *Inferno dos Gulosos* (Canto VI), da Divina Comédia, Dante Alighieri descreve o mundo inferior como local onde os condenados ficam solitários na lama, sem poder comer e beber livremente. Cérbero aparece na obra de Dante como o guarda dessa região das profundezas, mas também representa imagem-ideia do apetite descontrolado – comedor de carne. O imaginário do prazer está presente na figura do cão-comedor (insaciável).

Dante ao retratar o inferno, nos versos e prosas, refere-se ao local como ‘baixo inferno’, ‘vale de sangue fervendo’, ‘rio não distante’ ‘realidade submersa’ recheado de ira e ambição. No item 51, o autor escreve: “Ó ira louca, ó ambição, que impele na curta vida nossa, ao inferno arrasta. E para sempre nos submerge nele!” (ALIGUIERI, 1998). Essa compreensão é bem próxima às interpretações da própria Igreja, a partir das concepções teológicas do cristianismo e das religiões monoteístas.

Sloterdijk (2016) critica a teologia agostiniana responsável por introduzir o imaginário de inferno, causando terror metafísico e terror psíquico. A fé cristã desde a fase inicial na Idade Média tem reproduzido uma ideia de inferno como oposição ao céu, na tentativa de propor chances humanas de salvação. Para Sloterdijk, Santo Agostinho pregou o evangelho, por meio da teoria da graça, aumentando nas pessoas o medo do inferno, e cristianizando o mundo. “Nesse sentido, os críticos do cristianismo acertaram o ponto sensível quando disseram que ele (Agostinho) próprio costumava

suscitar o mal para o qual depois oferecia a redenção” (SLOTERDIJK, 2016, p. 83).

A ideia de céu e inferno como oposição permanece presente na atualidade. Para muitos, ascender ao céu necessariamente acontece a partir da renúncia do inferno. Até mesmo a dimensão estética da morada subterrânea é construída distintamente. O céu azul-claro, o inferno negro-vermelho – que remete a ideia inicial do Vale de Ben-Enom.

Na concepção mítica-cultural-religiosa, o mundo inferior é desenhado com cores quentes, contornos robustos, uma mistura do preto e vermelho (escuridão e sangue) – lugar das trevas (quente e frio). Vozes, invocação, gritos, gemidos, silêncio, paz. É uma mistura de coisas. Essas inquietações e perguntas motivam essa reflexão, com intuito de traçar uma poética do inferno, trilhando os imaginários do mundo inferior.

Contudo, ressaltamos que nosso interesse de investigação não se sustenta na comprovação ou afirmação sobre a existência do inferno (lugar de condenação), mas, sim, possibilitar um diálogo mais amplo sobre os nossos possíveis ‘in-fernos’, que vão além das concepções religiosas-culturais já formatadas. Pensar o inferno pode ser um caminho para compreendermos algumas nuances da existência humana e suas mutações nas atuais conjunturas. O conceito ‘Inferno mítico-teológico’ sugerido neste tópico – definição própria, mostra esse movimento entre o miticismo e a teologia cristã. No próximo tópico, optamos por refletir sobre as

partes baixas do corpo – o inferno das energias sexuais e das fantasias.

## 2.1 Poéticas do inferno-corpo

Quais são os nossos (teus) infernos? O inferno pode ser uma mistura de diferentes sensações. Existe um inferno dentro de cada um. Amor e ódio, céu e inferno, paz e perturbação, palavra e silêncio. Algumas músicas retratam bem essa simbiose. A partir daqui, falamos sobre a dimensão cultural do inferno, com base na releitura de músicas.

No mundo da sonoplastia, esse inferno é literalmente poetizado em versos e prosas, e cai na boca do povo. ‘Céu e inferno’ é uma música da Banda Uns e Outros<sup>iii</sup>, cuja letra diz: “Você é meu vício e religião. Meu lado livre e minha prisão. Meu medo mais antigo, meu melhor amigo [...] E aceito o teu céu, teu inferno e o teu amor”. Outra canção, “Morar”, a banda Supercombo<sup>iv</sup> retrata o inferno com um novo olhar poético: “Desde que você veio morar, minha vida é um inferno. O inferno mais bonito que se há no planeta terra”. Já a banda Nação Zumbi<sup>v</sup>, traz uma reflexão interessante sobre a geografia do inferno: “O inferno nem é tão longe. Bem depois de onde nada se esconde. Mais perto do que distante. Não demora muito e ele chega pra qualquer um” (grifos nossos) 133

É curioso perceber a reinterpretação do imaginário sobre o inferno nas letras das músicas. E não é somente bandas de rocks que fazem essa releitura-interpretação. Já na década

de 90, Chitãozinho e Chororó fizeram sucesso com a música: “Vá pro inferno com seu amor”, e até hoje interpretada por muitas gerações de músicos. Também, Fábio Júnior cantou em “Céu e Inferno”, o famoso refrão: “Perco o juízo, corro com o coração. Esqueço o perigo, só escuto a canção. A paixão sufoca mais. E eu não posso viver assim. Céu e inferno em mim”. E quem diria, até o rei Roberto Carlos, no tempo da Jovem Guarda, transformou o sombrio mundo inferior em versos e poesia: “Quero que você me aqueça nesse inverno. E que tudo mais vá pro inferno” (grifos nossos).

No atual sertanejo universitário encontramos duplas jovens, como Henrique e Diego, poetizando sobre o inferno, na música “Sentimento Maldito”. O refrão diz:

Ai ai ai ai orgulho ai  
Sentimento maldito demais  
Coração não aguenta mais  
Você é meu inferno e a paz

A partir dos exemplos acima, retomamos a problemática deste estudo em pensar como o imaginário do ‘in’-ferno está associado ao corpo inferior (órgãos genitais e desejos sexuais). As letras das músicas citadas são provas deste imaginário do inferno não como oposição (atração e repulsão), mas de complementariedade (razão e energia). O amor-dor explica isso. Essa mistura gostosa não consiste em polo uno, mas trino.

Somos essa matéria, energia sexual (libido), força. Por isso, ao pensar o inferno,

olhemos para nosso corpo. Membros superiores, acima da cintura (tronco, braços, pescoço, cabeça – mente, órgãos – coração, pulmão), e membros inferiores, localizados abaixo, como os órgãos genitais, pernas e pé (sustentação do corpo). Agora, não é possível um corpo sem os membros inferiores ou o inverso disso. Uma coisa não elimina a outra, é parte de um todo, ou seja, se complementam.

A banda Uns e Outros traduziu bem essa boa mistura: [...] aceito o teu céu, teu inferno e o teu amor”. Aceitar essa dimensão trinitária, talvez seja mais interessante do que olhar a vida ou vive-la numa dimensão unitária ou na bipolaridade. Um amigo que gosto muito, Rafael Vieira, sacerdote redentorista, diz em um de seus livros: “A vida sempre tem três lados”. É possível sair e abrir novas portas e horizontes. Contudo, será preciso aceitar esse céu, inferno e amor. Uma coisa é certa: quem está vivendo um amor ou já viveu, experimenta(ou) essa doce-amarga mistura de céu-inferno. A energia sexual move o mundo e as pessoas.

No texto “Cidades e Desejo”, Calvino (1990) traz uma reflexão oportuna sobre o mundo inferior, que podemos relacionar como os nossos desejos e impulsos sexuais. Ao falar da cidade enganosa, Anastácia, o autor recorda que lá nenhum desejo é desperdiçado. Talvez esse seja um caminho interessante para pensarmos o *in*-ferno: não oprimir os desejos, mas potencializá-los da forma mais intensa e bonita, afinal, a sexualidade é bela e temível.

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes benigno [...] (CALVINO, 1990, p. 8) (grifos nosso)

Maligna, benigna – ou ambas, a plenitude sexual é uma energia inferior (libido) que habita a cada um de nós. Sim, nossa sexualidade é a força que nos alimenta, nutre. Um corpo sem essa energia também morre. Membros inferiores (as partes baixas) e superiores do corpo formam um todo. Como escreve Calvino (1990), “aqui (corpo) se goza tudo”, onde reside o desejo de satisfazer. Não consigo compreender a dimensão corporal fora dessa totalidade complexa e completa. Além dos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar, temos um sexto – a *propriocepção*, o sentido que pensa todos os sentidos.

O pensamento-corpo nos leva a muitos lugares. É uma mistura de imperfeição com inexatidão, de equilíbrio e loucuras. O corpo é o que é - simples, local a ser contemplado, admirado, tocado, loucamente explorado – com amor e dor.

Em Palomar, Calvino (1994), recorda que vivemos nos impulsos do eros. Nossa pele, maior órgão do corpo humano, é registro de todas as experiências. As células cutâneas enviam à memória, mensagens do imaginário. Por sua vez, as moléculas dos tecidos se multiplicam a partir dos impulsos transmitidos, potencializando a vida em movimento. “O eros é um programa que

se desenvolve nos emaranhados eletrônicos da mente, mas a mente também é pele: pele tocada, vista, recordada” (CALVINO, 1994, p. 22).

## 2.2 O imaginário infernal

Qual imaginário você tem do inferno? As pinturas renascentistas do polonês, Zdzislaw Beksinski, como as telas “Visões do inferno”, permitirá compreender os sentidos do mundo inferior na palavra e na imagem, possibilitando novos entendimentos etimológicos, culturais e religiosos do inferno. As obras do artista seguem os ideais do próprio movimento renascentista, que surge na Itália durante o século XV e funda um espírito forjado de ideais novos e forças criadoras. 135

Apesar de suas pinturas vibrarem em cor, textura e realismo, Beksinski acreditava que não havia conseguido alcançar a profundidade real do que queria transmitir. O artista ficou conhecido na década de 80 por suas pinturas inéditas sobre o inferno. Ele tinha muitos pesadelos com visões do inferno e de corpos mortos e buscava reproduzir nas telas, como se fossem fotos dos sonhos – temática surrealista. A imagem abaixo é uma pintura dele, com narrativa real/surreal das profundezas do inferno.

São muitos elementos a serem explorados na obra, a começar pelo corpo na cadeira, com as pernas abertas e com muito sangramento no órgão genital (não dá para saber se é um homem ou mulher). Já aí temos uma dimensão a ser refletida sobre a sexualidade das partes baixas: a

definição de gênero não é mais importante do que a busca pelo prazer-felicidade. O sangue traz a ideia das versões da verdade, de um órgão aberto (receptivo) e invadido. Os membros superiores do corpo, as partes altas, não aparecem claramente na pintura. O cenário do inferno que compõe a tela, remete a ideia de Dan Brown (2013), sobre a lugar sombrio, com mar de fogo, iluminando à terra.

**Figura 1 – Visões de Inferno (Beksinki)**



Fonte: (Creepy Attic/2013, encurtador.com.br/qrvzT)

O ponto a ser destacado no contexto desta conversa sobre o inferno, com base na imagem acima, é justamente a região central, entre as pernas – órgão genital. Podemos pensar que a energia sexual é literalmente o nosso inferno, não sendo possível fugir dele, caso contrário

seremos devorados pelo cão Cérbero. Todo ser humano deve aceitar e vivenciar sua potencialidade sexual e afetiva – conviver com seus infernos. Desta forma, se faz necessária a superação de uma mentalidade de pecado e salvação, céu e inferno, bem e mal (polos opostos), para pensar a complementariedade dessas realidades.

O Teocentrismo no Barroco Brasileiro, a partir da mística imagética de Gregório Mattos - século XVII, teve forte expressão na poética sacra, trazendo questionamentos sobre as inconstâncias e efemeridade da vida terrena. Propõe refletir sobre a teologia do trinômio (pecado-perdão e salvação). Essa mesma visão teológica pode ser dimensionada para uma compreensão ainda maior: céu-inferno-vida. Uma coisa não elimina a outra, apenas se complementam.

Contudo, diferente das pinturas sobre o imaginário do céu (com cores suaves e paisagens aconchegantes), as visões do inferno são carregadas de tons escuros e quentes. A imagem é a força – “como riqueza dos significados possíveis” (CALVINO, 1990, p. 73). Por isso, o interpretante do inferno, tem liberdade de interpretação, a partir de sua vivência com o signo. (ECO, 2004). No contexto das religiões, a imagem é indispensável para estabelecer a conexão com o sagrado, com uma estética própria. A retratação do divino está associada a imagens (a pureza, o olhar melancólico, o imaculado). Mas, sem essa imagem/imaginação, o que sobra? É possível uma imaginação

desassociada da imagem já concebida do inferno?

Aqui recordamos o texto de Edgar Morin – *As liberdades do Espírito*. É possível pensar em um sagrado inferno a partir dessa liberdade? Segundo o autor as liberdades do espírito são alimentadas e fortalecidas pelas curiosidades. Ou seja, podemos aprender o inferno por nós mesmos, a partir de uma “consciência reflexiva, capacidade de auto-examinar, autoconhecer, autopensar e autojulgar, pela consciência moral” (MORIN, 2002, pp. 282-283). Cada um faz experiência pessoal do seu inferno, dando a ele seu próprio significado.

### 3 Cavernas do prazer

Pense em uma caverna. Tente descrever como você visualiza esse ambiente/local, quais características possui, formato, cores, cheiro. Local úmido, frio, quente. Silêncio, barulho. Tudo escuro, lugar desconhecido, assombroso – medo a flor da pele. Afinal, uma caverna sempre guarda seus segredos a serem explorados. Aqui iniciamos uma reflexão sobre a biologia do inferno – cavernas do prazer e das fantasias. O *in* (fora), *in-ferno* (local subterrâneo, que corre por baixo) retomam aquela representação inicial (mítica) que trouxemos sobre o mundo inferior como um local marcado pelo sangue e sacrifício. Aqui podemos compreender o sangue como versões de verdade, renovação da vida, purificação, ciclo, marca.

A pintura ‘Visões do inferno’ de Beksinki demarcou esse imaginário do mundo inferior (partes baixas do corpo), a partir de uma consciência biológica do orifício. Na tela vemos, claramente, uma relação entre a pessoa sentada na cadeira com as pernas abertas, com sangramento da caverna, com o desenho da Boca do Inferno, do Bosque Sagrado de Bomarzo (1550-1580). A boca aberta retoma a ideia do engolir sem ruminar, do engasgar e chupar (como a criança na fase do desenvolvimento oral).

A boca-caverna é um escarnio, está arregaçada – receptiva, a espera do explorador, para engoli-lo. O entrar na caverna pode ser definitivo, sem volta. O cão Cérbero não 137 permitirá sair aqueles que entraram e conheceram os mistérios do mundo inferior. É um caminho sem retorno, pois o explorador ficará refém dos encantos da caverna em que adentrou – penetrou. Com o tempo, o explorador desejará conhecer outras cavernas, em busca de novas experiências e aventuras no mundo subterrâneo - viciante. O inferno provado torna-se parte do Eu-Nós.

Em ‘Esferas I – Bolhas’, no capítulo 4 sobre a ‘Clausura materna’, Sloterdijk (2016) retoma essa ideia da caverna mítica. Ao observarmos os órgãos genitais nos deparamos com cavernas, revestidas do coito sagrado, com portas de acesso e alto poder de sucção dos orifícios. Esse campo da intimidade - ânus, a vulva, a vagina, o pênis (mundo inferior), carrega consigo mistérios e fantasias a serem

exploradas pelo observador. Sabemos que existe, ainda, uma relação mítico-cultural de práticas e afetos ligados às diferentes cavernas do corpo. As experiências vividas ou retraídas são reflexos de poder da cultura de um povo. Muitas vezes é preciso superar algumas visões e abrir-se a outras, na tentativa de melhor explorar esse inferno desconhecido ou traumatizado.

A boca do inferno (boca aberta) guarda os mistérios da caverna e suas fantasias. Existe, ainda, um imaginário limitado, consequência da não-vivência do observador. Explorar a caverna, depende unicamente do explorador. O primeiro passo é ter acesso e querer entrar. Ocorre a atração e impulsão à entrada da caverna. No ato sexual, essa participação ativa do observador se dá de diferentes maneiras como na penetração, fusão, toque, sucção, degustação – em intensa simbiose das partes altas (boca, olhos, mãos, umbigo, peitoral, seios) e partes baixas (pênis, vagina, ânus). Desvendar os mistérios da caverna depende da proximidade (estar com alguém) e intimidade (ser com alguém) com o objeto a ser explorado.

A mística do interior da esfera cavernosa só será degustada com investigação, interação bipolar e intimidade diática. Para Sloterdijk (2016, p. 263), o “estar-na-caverna só será possível pela introdução de um terceiro”. Ocorre, então um trabalho dedicado potencializado pelo anseio e ceticismo, fusão e reserva, silêncio e medo, nojo e desejo, prazer e repulsa, amor e dor. É preciso estar por inteiro no interior da caverna, e repetir a intransponível verdade das

cavernas e assumir o papel de explorador místico e ousado, sendo perseverante e participa-ativo-receptivo. A superação dos medos torna-se necessária, como o mito da caverna (vagina, vulva) e do ânus (reto, abertura exterior), que guardam seus mistérios e aguçam desejos e vontades proibidas-permitidas. Sim, cavernas pouco exploradas ainda são objetos em potencial do imaginário coletivo.

Toda caverna é revestida de um coito sagrado (*hieros gamos*), o segredo-chave inicial para a entrada do explorador às profundezas. A caverna guarda memória de momentos vividos, nutre-se da penetração e traz implicações eróticas. Constantemente, o corpo-pele envia mensagens a mente, potencializando as experiências infernais, alimentando o imaginário e fantasias. Ao adentrar na caverna, o explorador vive o que diz Paul Valéry: “O seu espírito encerra o meu em si”. Ali, o Um é tudo, já não existem mais hierarquias e, sim, fusão mística e híbrida. Aqui, vale dizer que todo esse impulso e desejo do explorador (*explora a dor*) da caverna, ocorre efetivamente se conduzido por uma espiritualidade da sexualidade. Ou seja, para que essa experiência aconteça, o observador-participante não pode abrir mão do cuidado e zelo com a intimidade, buscando transcender em cada experiência.

Maffesoli (2007) nos ajuda nessa reflexão ao dizer que esse novo tempo da humanidade - a contemporaneidade, é marcado por novas maneiras de se relacionar com o mundo e com o outro. Estamos, talvez, a experimentar coisas e

lugares ainda não visitados que podem revelar profundezas inóspitas. Poderíamos dizer que esse tempo púbere tem traços acentuados pela estetização da vida, a reavaliação do cotidiano, o cultivo ao corpo, o sentimento tribal de pertença, a invaginação dos sentidos e a volta do imaginário, do lírico, do onírico e do emocional.

A relação ânus e mente é um exemplo oportuno. O toque anal proporciona um defloramento da mente, ela se abre. O ânus compreende uma região do inconsciente. Ao ser tocado, ativa sensações e aberturas do Eu-ego. Há uma ligação deste corpo cavernoso, guardado e muitas vezes intocável (por medo, ou ideia de pecado, do proibido), com o nosso inconsciente. Esse movimento ocorre em outras regiões do corpo-mente, com sensações infernais de dor e prazer, medo e satisfação, apreensão e alívio, retração e atração, dentro e fora. O gozo, o orgasmo, o gemido, o toque, as fezes, a penetração, o abrir e fechar, o receber e dar são complementos de um corpo vivo em constante combustão e troca de energias. É o própria ânima (alma) do corpo.

Se observarmos nosso corpo, constantemente percebemos uma briga entre a mente (razão) e as partes baixas (o inferno dos desejos e prazeres). O corpo quer algo e a mente insiste, muitas vezes, em recusar. Já diz o dito popular: ‘os homens pensam com a cabeça de baixo’. Ou seja, a força da sexualidade está em constante erupção, somos movidos a partir dela. Mas e aí, permitir ou proibir? Abrir ou se fechar? Liberar ou retrain? Para um equilíbrio da energia

sexual, pode-se experimentar as diferentes sensações infernais, não necessariamente x, y ou z, mas o híbrido de  $x+y+z$  = possibilidades.

Você já experimentou o gozo na cara, na boca, no corpo? Não se assuste com a pergunta. É mais um caminho para pensarmos o espírito/mente (razão) e as ‘liberdades do espírito’ (MORIN, 2002). O gozo (ejaculação feminina ou masculina) é o ápice do prazer e explosão das energias sexuais canalizadas. Expressar e colocar para fora/ou receber representa o encontro entre céu e inferno (corpo superior e corpo inferior). A mente (razão) empoderada e dominadora agora está na mesma condição de inferno para provar o gozo na cara, na boca e onde for.

139

O espírito/mente é o centro das sujeições e das liberdades. Esse complexo humano (nós) traduzido pelo autor se sustenta em três infinitos: o infinitamente grande, o infinitamente pequeno e o infinitamente complexo. “O espírito (mente) está sempre ameaçado de regressão, de ilusão, de delírios, mas também existem delírios que favorecem a genialidade (MORIN, 2002, p. 289).

A disputa entre o corpo inferior (órgãos genitais) e mente/espírito/razão (membros superiores como a cabeça e seus orifícios: boca, orelha, nariz, olhos) pode ser superada. Basta olharmos para o corpo como Um todo – em sua integralidade, sem graus de hierarquia. Não deve existir o mais ou o menos importante. O corpo é um só: todos os membros são necessários para a sobrevivência. No ato sexual, essa hierarquização desaparece, como, por exemplo,

no sexo oral. Sim, a boca vai ao encontro do pênis, da vagina ou ânus: já não existe o inferior ou superior, mas sim prazer, tesão, toque, entrega, desejos, nojo, acolhimento, engasgo. As diferentes posições do ato sexual quebram e rompem com a ideia de hierarquia, isso é interessante. Aqui vemos, claramente, o triunfo do corpo sobre a mente, não que isso seja necessário.

O sexo oral, posição conhecida como 69, é simbólica neste caso das hierarquias rompidas. O número seis em sua totalidade representa o ‘descer dos céus e vir para à Terra’, assim como o nove, traz a ideia de ‘sair da Terra e ascender aos céus’. Deitados na cama, em posição inferior, os amantes (casal) experimenta sensações de céu e inferno, onde os órgãos-pele se tocam e se encontram numa esfera simbiótica. Atração, fusão, penetração – verdadeira exploração das cavernas. Boca quente ou boca fria recebe, acolhe, funde.

Portanto, a ideia inicial do inferno religioso-mítico não se sustenta como lugar bom ou ruim, mas é possível abrir um caminho reflexivo, ampliando a visão do mundo inferior (partes baixas) não apenas como polo de oposição entre bem e mal, mas como energia sexual (libido) que habita o corpo-mente. O imaginário do ‘in’-ferno, associado ao corpo inferior (órgãos genitais e desejos sexuais), sem dúvidas é condição para a existência humana. É como combustível que dá vida ao carro, sem ele, nada funciona. Os infernos (subterrâneo que

corre por baixo), alimenta diferentes outros mundos.

A mente, situada na dimensão cerebral, agora passa a vivenciar uma experiência infernal, nas partes baixas. Mas, isso só é possível se superarmos alguns paradigmas. No inferno encontra-se os mais intensos e profundos prazeres já vividos pelos humanos, quanto também pelos animais. Somos uma mistura de humano e animal – instinto. Outro elemento que podemos pensar é o gozo – sim a ejaculação na cara. O que essa experiência pode revelar no contexto do imaginário do mundo inferior?

O esperma (pelo pênis) ou líquido expelido (pela vagina) são ápices do prazer sexual. Gozar na cara ou ‘quicar na cara’ podem 140 representar essa aproximação (estar com), bi-unidade (negação do ego). Não diz respeito a personalidade de ninguém, mas uma mistura de fantasia com afirmação de presença – ‘estou aqui’. O explorador da caverna, neste caso, assume a condição de ‘estar-aí’, sendo uma mistura de sentimentos como alívio, satisfação, esvaziamento e, também uma postura de zombar, possuir e de júbilo alcançado. Gozar no imaginário representa o ser em constante presença, marcando o território sagrado explorado. Gozo é um termo que provém do latim, com referência à fruição, à alegria de espírito ou ao sentimento de complacência e de prazer. O ato de gozar está associado a satisfação do sujeito – não necessariamente por amor ou só por prazer.

Esse inferno pode ser ainda mais intenso como o gozar na boca – o engolir (na caverna do prazer), entre outras possibilidades a serem exploradas pelo observador-participante. Tudo depende da intimidade e consentimento entre os participantes envolvidos. A caverna está para ser explorada e protegida.

### 3.1 Inexatidão do submundo

*‘Que gostoso, provocativo, tesão. Que infernal! Angústia, dor, prazer. Desejo perturbador acompanhado do silêncio. Quero mais’.* Acordei com essa frase um dia desses. Talvez, a mesma sensação de Guimarães Rosa na conversa com o vaqueiro Mariano. Foram longos dias. Acordava e dormia na companhia dessa voz infernal e amiga. Eu e ela, uma nova relação. Depois, ao reler muitas vezes a frase pensei, assim como você pode estar pensando: quanta inexatidão! Sim, a frase parece um tanto quanto confusa. Mas essas palavras não estão sozinhas, são acompanhadas pelo meu imaginário. Então, fazem todo o sentido a partir da experiência por mim vivida. Meu inferno também pode ser o seu.

De fato, o que me interessa não é a exatidão, e sim a inexatidão: o vago, o silêncio (o calar), o inexplicável, a dúvida, a inquietação, a incerteza. A exatidão nos faz pensar no indefinido e infinito – “o espírito humano é capaz de conceber o infinito” (CALVINO, 1990, p. 78), a palavra e o silêncio, precisão e indeterminação, certeza e incerteza, tempo e

espaço, céu e inferno, morte e vida, efemeridade e eternidade, etc.

A face humana de um homem, que entediado pela inconsequência de seus atos e consciente da vida como algo fugaz e passageiro, abre o seu interior à entrada de Deus, fá-lo sujeito de sua história e o centro de sua existência<sup>vi</sup>

A palavra não dita parece ser mais interessante. Assim é um ato sexual. Não tem muito roteiro estabelecido, ou conversação. Ocorrem outros diálogos sensíveis, recordando aqui o tripé pós-moderno de Maffesoli: é criação, razão sensível e progressividade. Mas, o corpo também fala, a pele registra, a mente potencializa.

O imaginário - palavra e imagem-ideia, <sup>141</sup> alimentam o mundo interior, nutrindo o mundo exterior-inferior. Sim, há diferença. O alimenta sacia, mas somente a degustação nutre, pois, está diretamente associada aos prazeres reconhecidos pela mente. Por isso, não adianta só comer. É preciso nutrir-se: fazer a experiência da degustação demorada, lenta; saboreando os mais diversos prazeres e gostos daquela comida. A boca, os lábios, a língua e os dentes nos ajudam nessa elevação comer-nutrir-sentir, do degustar-chupar.

Já na infância, passamos pelo afloramento da fase oral (0 a 18 meses), como teorizou Sigmund Freud sobre o ‘Desenvolvimento Psicosssexual da criança’. Desde o nosso nascimento já possuímos uma libido (energia sexual) instintiva – nosso inferno,

que se formam em diferentes estágios como o oral, anal, fálico, letente ou de letência e genital, constituído por uma zona erógena, fonte de unidade da libido.

Interessante recordar uma frase das mães: ‘Filho, não fale com a boca cheia!’ Justamente, no momento em que estamos degustando o prazer oral, deve haver envolvimento, que dá lugar as palavras não-ditas. Ali, entra em cena outro diálogo-imaginário, trilhado pelo prazer, sensações e fantasias. O receber dentro, do que está fora (in), ocasionando a fusão do dentro-fora. Essa mistura rompe os paradigmas da exatidão. Na transa, tanto quem recebe quanto quem coloca são peças do mesmo jogo.

A incomunicação, a incerteza, as inconstâncias são frutos da inexatidão. Talvez aí esteja o Sagrado infernal, que não se constitui das certezas da exatidão, do explicável e compreensível. O inferno pode ser um lugar individual ou coletivo, ou ambos. A decisão de entrar ou sair é sempre sua. Só o que não vale é demonizar o inferno sem antes experimentar. Permita viver seus infernos e descobrirá novos céus.

### **Algumas considerações**

O inferno está em nós. O corpo é energia em erupção. Talvez seja esse o principal eixo-reflexivo que motivou esse diálogo. Apesar da não-linearidade do texto, a intenção foi justamente não traçar um caminho único durante a conversa, mas permitir ao leitor encontrar seu

próprio trajeto a ser percorrido. As provações continuam abrindo caminhos para novos estudos e reflexões humano-científicas. Não é possível falar de um único inferno, seja ambiente ou condição existencial. Cada pessoa possui seu próprio inferno e o vive como quiser.

Ao resgatarmos a dimensão etimológica do inferno e suas nuances mítico-cultural-religiosa e, por fim, biológica – sendo esta última uma aventura original deste artigo, desejamos não apenas abrir os horizontes sobre o imaginário do mundo inferior, como também encontrar elementos que aproximem as experiências infernais, ao invés de colocá-las em oposição. A estética do inferno – imagem, palavra, ideia, imaginário foram apresentadas a **142** partir de elementos simples como a música, a pintura, a poesia e a literatura, justamente para mostrar a amplitude do mundo subterrâneo e suas potencialidades de representações.

Entretanto, não foi intenção convencer o leitor a desacreditar na existência do inferno (local para pessoas más) como ensina a religião. Pelo contrário, ao constatar a existência deste inferno teológico, como descrevem os próprios escritos bíblicos e da Igreja Católica, também reforçamos a validade da existência de um eu-inferno, que tem origem na própria vida. Como defende a teologia agostiniana, o inferno só existe porque existem pessoas. Então, essa dicotomia pode ser superada quando pensarmos o inferno não como um lugar, apenas, mas como condição de existência – energia-corpo que flui e dinamiza a vida.

Por fim, acreditamos que essa conversa trouxe uma nova visão do inferno, não apenas como polo de oposição entre bem e mal, mas como energia sexual (libido) que habita o corpo. Acreditamos que problemática em pensar como o imaginário do 'in'-ferno, associado ao corpo inferior (órgão genital e desejos sexuais), abriu caminhos para compreendermos melhor quem somos e nossas potencialidades para agir e não reprimir. Esse esforço para compreensão de uma poética do inferno desafia os mais céticos e convictos a não apenas olharem o mundo inferior como princípio de negação, ou de oposição (atração e repulsão), mas de complementariedade (razão e energia).

Trata-se, portanto, de um desafio lançado, com intenção de perturbar e provocar novos comportamentos diante da vida que pulsa. Se o inferno está em nós, não há como fugir dele. Apenas entre na caverna e descubra um mundo que o espera. O cão está na porta para te receber. Aventure-se e, acima de tudo, ame, respeite e cuide. O corpo é o maior bem que podemos ter e, também, o local das experiências inesquecíveis.

## REFERÊNCIAS

- ALIGUIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno**. Trad. Ítalo Eugênio Mauro - Ed. 34. Texto: Prefácio. Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo, 1998.
- BLAKE, William. **O casamento do céu e do inferno**. Ed. bilíngue. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Hedra, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução CNBB, Décima segunda reedição. Brasília, 2012.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Palomar**. Tradução Ivo Barros. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DA SILVA, Jackson Leocadio. **A Bíblia do Inferno de Willian Blake: Visão como força imaginativa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em Letras, MG, 2017.
- HAN, Byng-Chul. **Sociedade da Transparência**. (tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares do pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zarathustra**. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, 1979.
- ECO, Umberto. **Nos limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- SLOTTERDIJK, Peter. **A loucura de Deus: do Combate dos Três Monoteísmos**. Tradução

Carlos Correia de Oliveira. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. **Esferas I: bolhas** (José Oscar de Almeida Marques, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Brasília (UnB). Jornalista e Professor permanente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - colegiado de Jornalismo. Mestre em Comunicação Midiática - Universidade Estadual Paulista - FAAC/UNESP. Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Docência no Ensino Superior - UNIFAP. Especialista em Linguística e Educação - Universidade Cidade de São Paulo - UNICID, com habilitação em Magistério. Graduação: Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - Universidade do Sagrado Coração em Bauru - São Paulo.

<sup>ii</sup> Cf. Livro de Josué, 15, 8 – Na região de Judá, após Em-Roguel, a fronteira subia pelo vale de Bem-Enom, pelo flanco sul dos jubuseus (isto é, Jerusalém) e ia até o cume da montanha que faz frente ao vale do Enom, no oeste, na extremidade do vale dos refaístas, a norte.

<sup>iii</sup> Uns e Outros é uma banda de rock alternativo formada, em 1983, no Rio de Janeiro.

<sup>iv</sup> Supercombo é uma banda brasileira de rock alternativo criada, em 2007, na cidade de Vitória.

<sup>v</sup> Música “Inferno” - Nação Zumbi é uma banda brasileira de rock, nascida no início da década de 1990, no Recife, capital do estado de Pernambuco.

<sup>vi</sup> Disponível em: <https://genibertoni.wordpress.com/o-teocentrismo-no-barroco-brasileiro/>. Acesso em: 13 de nov. de 2017.

Recebido em: 27/07/2019.

Aprovado em: 15/08/2019.

Publicado em: 31/08/2019.